

## Nada será como antes: efeitos da pandemia na saúde mental dos jovens

Fabio Scorsolini-Comin<sup>1</sup>

 <http://orcid.org/0000-0001-6281-3371>



Muitos temas, quando investigados intensamente, podem produzir como efeito a sensação de terem se esgotado. A pandemia da COVID-19, em sua onipresença, ainda atravessará por muitos anos as nossas pesquisas e intervenções, sobretudo no campo da saúde mental. Não se trata, aqui, de delimitar o final do período pandêmico como uma mensagem que decreta, de fato, o seu encerramento. Isso porque os seus efeitos, ainda em descoberta e atualização, poderão nos acompanhar por muito tempo, de modo que as pesquisas precisarão se posicionar diante desse movimento. Obviamente, os agravos mais evidentes parecem ter sido cotejados por parte dos estudos já publicados<sup>(1)</sup>, mas vivemos, nesse momento, o acompanhamento de um itinerário que não pode ser descrito sem que se remeta à pandemia e suas diversas reverberações.

Um ponto de partida nessa reflexão é a recuperação do título do presente texto, em referência à canção homônima, "Nada será como antes", composta por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos na década de 1970, em meio à Ditadura Militar. Essa canção, vastamente referida em títulos de artigos científicos e ensaios, sobretudo produzidos no trânsito pandêmico, parece sintetizar diversos tensionamentos provocados a partir desse período. Ao notar a recorrência desse título, ao invés de modificá-lo, tratamos de pensar nos efeitos de sentido produzidos pela recuperação do verso que impõe, em uma de suas interpretações, a ideia de renovação, de mudança, de superação de algo em direção àquilo que chega, que instaura uma nova possibilidade. Em parte, isso parece se adequar ao momento em que vivemos. Em parte, não. Isso porque a emergência das questões de saúde mental junto ao público jovem já era vastamente referida na literatura científica mesmo antes do período pandêmico<sup>(2)</sup>. Muitas delas, inclusive, invisibilizadas ou alçadas a uma condição de "novidade" desde a pandemia.

Cabe-nos, então, questionar (a exemplo de outro número expressivo de títulos de artigos): nada será como antes? Quais mudanças e quais permanências no campo da saúde mental dos jovens podem ser enunciadas? Na literatura científica, avolumam-se estudos e reflexões que tomam por base os possíveis efeitos da pandemia a curto, médio e até a longo prazo, impactando, inclusive, as próximas gerações<sup>(3-6)</sup>.

A saúde mental do público jovem recobre, de modo abrangente, o período da adolescência e o do início da vida adulta. É nesse período, que já é sabidamente marcado por diversas transformações, que os efeitos da pandemia parecem

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Centro Colaborador da OPAS/OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

### Como citar este artigo

Scorsolini-Comin F. Nothing will be as it was: Effects of the pandemic on young people's mental health. SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2023 Jul.-Sept.;19(3):1-4 [cited \_\_\_\_ \_\_\_\_ \_\_\_\_]. Available from: \_\_\_\_\_. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2023.000224> ano mês dia

URL

ser mais importantes. Especificamente, quando pensamos na população universitária, uma ampla gama de conhecimentos vem sendo produzida, incluindo estudos de rastreio<sup>(3-6)</sup>, avaliações de intervenções e programas, bem como relatos das mais variadas experiências profissionais com esse público<sup>(7)</sup>, desde ações mais pontuais até projetos de maior envergadura. Inovações são sugeridas nessas publicações, ampliando as possibilidades de intervir junto a esses jovens considerando as restrições impostas pela pandemia, por exemplo, o que incrementou, sobremaneira, o campo das intervenções on-line e em grupo<sup>(8)</sup>. Cada vez mais, é mister avaliar os jovens que chegam às universidades (e que vivenciaram a maior mobilização da pandemia quando cursavam o ensino médio e até o ensino fundamental), os que passaram pela pandemia em seu início, no curso médio da universidade e em sua finalização. Ainda, é lícito acompanhar aqueles que chegaram ao mercado de trabalho logo após o pico da pandemia, com uma formação fortemente impactada por esse período.

No campo da gestão universitária, a pauta da saúde mental emerge impondo a necessidade de que políticas educacionais repensem o papel da universidade, movendo-se em direção a um maior acolhimento de seus estudantes, de maior inclusão e de pertencimento<sup>(7)</sup>. É o caso, por exemplo, da Universidade de São Paulo que, em maio de 2022, aprovou a criação da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP), que tem por objetivo propor, coordenar e apoiar ações de inclusão e permanência para alunos, docentes e servidores. Os temas de atuação envolvem saúde mental, relações étnico-raciais, questões de gênero, deficiências, desigualdades socioeconômicas e direitos humanos, vértices esses diretamente relacionados ao acolhimento estudantil. Assim, a saúde, especialmente a saúde mental, deixa de ser um campo de responsabilidade exclusiva do estudante e de sua família, passando a compor um rol de reflexões sobre as quais gestores começam a produzir ações menos pontuais e mais globais, em direção a um conceito de universidade realmente integradora, inclusiva e produtora de bem-estar.

A temática da saúde mental dos jovens é apenas um exemplo de como a pandemia tem se distanciado do conceito de "evento", o que pode pressupor um sentido de transitoriedade, e passado a ser um "marcador". Na prática, isso equivale a conceber a necessidade de não mais localizar os efeitos de modo associado a algo que ocorreu no tempo, notadamente entre os anos de 2020 e 2022, mas impondo um novo modo de olhar para o sujeito em sofrimento. Nos mais diversos temas que tangem à saúde mental, o presente fascículo da SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas revela esse movimento a partir dos artigos aqui reunidos.

O primeiro artigo que compõe este fascículo é intitulado "**Significados atribuídos ao tabagismo por pessoas que vivem com HIV**", da autoria de Ligia Lopes Devóglia, Giovanna Bento Paulino, Marli Teresinha Cassamassimo Duarte e Ilda de Godoy. Trata-se de um estudo qualitativo desenvolvido na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Botucatu. Foram entrevistadas 38 pessoas tabagistas vivendo com HIV atendidas em serviço de ambulatórios especializados do interior paulista. Entre os significados produzidos pelos participantes, a sua maioria homens, está a associação do uso do tabaco à sensação de prazer e de diminuição da ansiedade, sendo uma droga fortemente presente no cotidiano desses pacientes. De modo ambivalente, emergiram também os significados atrelados ao ódio e aos prejuízos à saúde, o que não pode ser compreendido, em suas experiências, de modo dissociado dos processos de saúde-doença-cuidado em função do HIV.

Na sequência, Giovanni Francioni Kuhn e Roger dos Santos Rosa, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentam o estudo "**Razão entre atendimentos ambulatoriais e hospitalares: um indicador para a área de saúde mental**", que buscou construir um indicador de razão matemática entre esses tipos de atendimento no contexto do SUS. Tomando por base os dados secundários de residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre - RS, no período 2015-2017, constatou-se uma distribuição bimodal com maiores razões entre atendimentos ambulatoriais e hospitalares nas faixas etárias de 0 a 19 anos e de 45 a 59 anos. Os autores atestam que a compreensão desse fenômeno pode contribuir para melhor organização e gestão da Rede de Atenção Psicossocial no SUS, sendo a razão matemática um possível indicador de qualidade da informação. Como esse levantamento recobre o período pré-pandêmico, aventa-se para a possibilidade de realização de novos estudos diante das possíveis mudanças ocorridas, sobretudo, a partir de 2020.

O terceiro artigo, "**Cuidar e reprimir: 25 anos de políticas públicas na Cracolândia**", foi desenvolvido por Ygor Diego Delgado Alves e Pedro Paulo Gomes Pereira, da Universidade Federal de São Paulo. O estudo bibliográfico analisou as intervenções na Cracolândia paulistana, acompanhando as políticas públicas no período de 1995 a 2020. Segundo os autores, essas políticas atuam, simultaneamente, para oferecer cuidado e reprimir os usuários de *crack*. Dividindo esse período de 25 anos em duas fases, destaca-se que, a partir de 2013, foi observada uma maior quantidade de programas educacionais e de cuidado voltados a essa população, embora a violência "tenha persistido como marca de uma prolongada necropolítica na região". Acompanhar esses diferentes momentos das políticas voltadas a esse público pode contribuir com o desenvolvimento de modelos de assistência menos estigmatizantes e que se oponham ao emprego da violência na compreensão desse fenômeno.

O estudo "**Adolescentes com Transtornos por Uso de Substâncias: perfil, autoestima e transtornos mentais**", de Jefferson Luiz Pereira, Denise Gimenez Ramos e Sofia Marques Viana Ulisses, da Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo, avaliou 82 adolescentes do sexo masculino. O grupo de adolescentes com diagnóstico de Transtorno por Uso de Substâncias (TUS) internados em um hospital psiquiátrico revelou alto nível de evasão escolar, envolvimento em atos infracionais, indicadores de humor e pensamentos depressivos, além de autoestima rebaixada quando comparado a um grupo de adolescentes sem diagnóstico para TUS. Os autores recomendam que o tratamento de TUS em adolescentes ocorra de forma multidisciplinar, considerando o contexto de referência e as próprias características dessa etapa do desenvolvimento.

O estudo "**Fatores associados ao consumo excessivo episódico de álcool entre universitários**", conduzido por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual do Norte do Paraná, da Universidade Estadual de Londrina, da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal de Mato Grosso, buscou identificar a prevalência e os fatores associados ao consumo excessivo episódico de álcool no público universitário. Os autores encontraram que a prevalência de consumo excessivo episódico foi de 43,3%, estando associada, entre outros, ao fato desses jovens não residirem com a família e, sobretudo, ao uso de substâncias psicoativas. Os autores recomendam aos gestores universitários o incremento de políticas e programas que discutam essa temática com esses estudantes, bem como promovam ações de prevenção objetivas.

Também trabalhando com a população universitária, o artigo "**Prevalência de transtornos mentais comuns em universitários durante a pandemia da COVID-19**" foi conduzido por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual do Piauí e da Universidade Federal do Piauí. Realizando o rastreamento de sintomas de transtornos mentais comuns em estudantes de uma universidade pública do Piauí durante a pandemia, os autores identificaram uma prevalência de sofrimento psíquico de 58,7%, afetando, sobretudo, indivíduos do sexo feminino, jovens e solteiros. O estudo corrobora diversos estudos desenvolvidos ao longo da pandemia<sup>(3-6)</sup>, evidenciando a vulnerabilidade da população universitária no que se refere à saúde mental.

Na sequência, o artigo "**Grupos de Terapia Ocupacional com familiares em saúde mental: a percepção dos cuidadores de pessoas com esquizofrenia**", desenvolvido por Lígia Beatriz Romeiro Rôse, Leonardo Martins Kebbe e Luiz Jorge Pedrão, da Universidade de São Paulo, analisou, na perspectiva de familiares cuidadores, os efeitos desse acompanhamento grupal nos cuidados de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia. Esses grupos constituíram espaços para as trocas de experiências e de compreensão das situações relacionadas à esquizofrenia, contribuindo para a diferenciação de sintomas, para o não-reforço de comportamentos dependentes e, de modo amplo, como oportunidade de escuta para esses cuidadores, muitas vezes sobrecarregados. Os autores concluem com a indicação desse modelo interventivo para a elaboração de estratégias para enfrentamento e maior reconhecimento do apoio familiar nesse contexto.


Por fim, o último artigo que compõe o presente fascículo é intitulado "**Satisfação das pessoas atendidas nos Centros de Atenção Psicossocial durante a pandemia da COVID-19**", da autoria de Wêdson Ferreira dos Santos, da Prefeitura Municipal de Ouricuri – PE, em parceria com pesquisadores da Universidade de São Paulo, Universidade do Estado do Pará e Universidade Regional do Cariri. O levantamento foi realizado entre o final de 2021 e o início de 2022 em Centros de Atenção Psicossocial da X Região de Saúde de Pernambuco. A satisfação global foi considerada elevada, com destaque para o acolhimento promovido pelas equipes, o que pode revelar que tais equipamentos se mostraram contínuos às necessidades de saúde mental, sobretudo no período pandêmico.

Esperamos que esses estudos aqui reunidos possam aquecer discussões no campo da saúde mental, convidando tanto pesquisadores quanto profissionais de saúde e estudantes para um debate que, inequivocamente, deverá ser tecido considerando os efeitos da pandemia. Esperamos que as políticas públicas no campo da saúde mental, envolvendo as práticas profissionais e a construção do conhecimento, de modo associado, possam se comprometer com os avanços, considerando também o cenário existente anteriormente. Não podemos abandonar as conquistas alcançadas e precisamos reafirmar, a todo momento, que a saúde mental não pode ser fomentada em um cenário de exclusão, de assombro à democracia e de reprodução de *fake news* que impactam não apenas a busca por tratamento, mas a própria valorização das políticas de assistência já existentes. O "amanhã", cantado na música que dá título a esta apresentação, não precisa se impor à revelia do passado, mas, sim, investir na recomposição de laços e vínculos que nos ligam perenemente à nossa história e ao nosso compromisso com o que virá. No campo das juventudes, a necessidade de reconstrução e fortalecimento de vínculos, permitindo a escrita de si, é uma recomendação premente.

## Referências

1. Bao Y, Sun Y, Meng S, Shi J, Lu L. 2019-nCoV epidemic: Address mental health care to empower society. *Lancet*. 2020;395(10224):37-8. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30309-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30309-3)
2. Malajovich N, Vilanova A, Frederico C, Cavalcanti MT, Velasco LB. A juventude universitária na contemporaneidade: a construção de um serviço de atenção em saúde mental para estudantes. *Mental [Internet]*. 2017

- [cited 2023 Mai 04];11(21):356-77. Available from: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272017000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200005&lng=pt&tlng=pt)
3. Cunha NHA, Bonfim CB, Santos-Lima C, Siquara GM. Emotion regulation, subjective happiness and meaning of life of university students in the pandemic. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. 2022;32:e3219. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3219>
  4. Scorsolini-Comin F, Patias ND, Cozzer AJ, Flores PAW, Hohendorff JV. Mental health and coping strategies in graduate students in the COVID-19 pandemic. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2021;29:e3491. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5012.3491>
  5. Fagundes AT, Willrich JQ, Antonacci MH, Kantorski LP, Portela DL, Souza TT. Universitários no contexto da COVID-19: perfil, comportamentos e atividades acadêmicas. *Cogitare Enferm*. 2022;27:e82306. <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.82306>
  6. Menegaldi-Silva C, Hirdes A, Yamaguchi MU, Grossi-Milani R. Saúde mental e recursos de enfrentamento em estudantes universitários brasileiros em tempos de pandemia. *Avaliação (Campinas)*. 2022;27(3):632-50. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000300013>
  7. Scorsolini-Comin F. Programa de tutoría con estudiantes de enfermería en el contexto de la pandemia de COVID-19 en Brasil. *Index Enferm [Internet]*. 2020 [cited 2023 May 04];29(1):e12901. Available from: [https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1132-12962020000100019](https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962020000100019)
  8. Lucietto GC, Rossato L, Correia-Zanini MRG, Scorsolini-Comin F. Online group interventions for mental health promotion of college students: integrative review. *Couns Psychother Res*. 2022;22(4):844-52. <https://doi.org/10.1002/capr.12561>

Autor correspondente:  
Fabio Scorsolini-Comin  
E-mail: [fabio.scorsolini@usp.br](mailto:fabio.scorsolini@usp.br)  
 <http://orcid.org/0000-0001-6281-3371>

**Copyright © 2023 SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**  
Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY.

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.